

A LEITURA LITERÁRIA EM TURMAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: OS CÍRCULOS DE LEITURA

Waléria Costa Chaves (Graduanda em Pedagogia – UNIR)
Márcia Machado de Lima (Doutoranda em Teoria da Literatura – UNIR)

Resumo: A intenção desta comunicação é explicitar o conceito de leitura na busca pela consolidação do referencial teórico do Projeto de Extensão Círculos de Leitura, o que vem se fazendo no percurso, ao mesmo tempo em que os Círculos são planejados. Nos Círculos procuramos dar concreticidade a esta pista, agregando perspectiva aberta, não restringindo-nos à escola, mas apontando a leitura um recurso civilizatório (YUNES, 2003). Leitura é estabelecer co-relações, perceber, dar à compreensão e entendimento ao que o homem colhe pela observação, dar crédito e lugar para as intuições para começar a pensar. A palavra que se materializa em texto é resultado dessa leitura. A leitura auxilia o homem contra a barbárie própria da luta pelo domínio, tanto do corpo como daquilo que pode se tornar corpo; da palavra e do significado. Neste ponto, cada participante do Círculo é leitor. Enfrentar a barbárie contemporânea pode prescindir da leitura? Defendemos que não exatamente pela necessidade que se instala em cada Círculo em desmanchar certa verdade e uma consciência de si que nos enclausura. Trabalhar com leitura é criar espaço para solapar certezas, demonstrar que em se deixar arrastar pela produção de sentido há mais o que encontrar. Leitura está ligada à constituição dos traços que fazem sermos aquilo que somos, desde a relação entre o texto (o escrito, o imagético, o sonoro, o plástico, o corpóreo) e a subjetividade. Está aliada à formação, é produção do sentido, é formação (LARROSA, 2002). Ainda não temos esse resultado concretamente nos Círculos junto à EJA. É nosso horizonte. Leitura pode provocar um deslocamento para o plano estético. A leitura literária, nessa linha, enuncia-se. Ela sempre esteve ali.

Palavras-chave: leitura, educação de jovens e adultos, leitura literária.

A formação de mediadores de leitura na educação de jovens e adultos no Projeto de extensão Círculos de Leitura é a pauta do trabalho do Grupo Insignare, realizado desde agosto de 2011, em continuidade às ações de 2010 nas aulas de Didática, porém com o perfil da extensão. Embora não estejamos com as atividades concluídas, questões suscitaram a explicitação do conceito de leitura que vêm nos instigando, muitas vezes, ao longo das nossas idas à escola, do encontro com os alunos das turmas de EJA e durante o planejamento dos Círculos. A intenção desta

comunicação é explicitar este conceito de leitura. A consolidação do referencial teórico vem se fazendo no percurso, ao mesmo tempo em que as atividades de extensão nos Círculos de Leitura são planejadas.

Estrategicamente, o Círculo persegue dois pontos: a. delimitar o trabalho nos temas leitura e formação de cidadãos como formação de mediadores de leitura; b. estabelecer como público alvo os alunos do final do primeiro ciclo do Ensino Fundamental e dos primeiro e segundo segmentos da Educação de Jovens e Adultos. Esta iniciativa permitirá responder às lacunas graves apontadas nas estatísticas sobre leitura em Rondônia e, em última instância, na formação de licenciandos capazes de prática educativa, ética e cidadã. As metas são potencializar práticas de letramento junto a grupos de alunos de Ensino Fundamental e EJA em escolas públicas de Porto Velho – Rondônia; ampliar os conceitos de leitura e letramento ao âmbito da produção cultural da comunidade envolvida no projeto; ampliar os conceitos de leitura e letramento ao âmbito da produção cultural dos licenciandos participantes do projeto.

Nessa perspectiva, Yunes (2003) coloca leitura como viabilizadora da transdisciplinaridade. Nos Círculos procuramos dar concreticidade a esta pista, agregando perspectiva aberta, não restringindo-nos à escola, mas apontando leitura um recurso civilizatório. A leitura é algo “[...]constituente mesmo do conhecimento, porque ação de um sujeito [...]de uma subjetividade em formação, forjando expressão própria, o que afinal é a meta principal de qualquer projeto educativo digno desse nome.”(YUNES,2003,p.7).

A leitura não é desordem embora não deva ser enclausurada. Muito ao contrário: um projeto educativo ou de sociedade pode ser caleidoscópico. A leitura precisa ter seus rumos e manter o inusitado- uma antinomia constituinte. Aprendendo com a história, podemos fugir ao paradoxal.

[...] os homens tiveram de estabelecer algumas co-relações entre fatos e desdobramentos; com a observação e a intuição, tiveram de começar a pensar. A linguagem foi imprescindível para estas operações *in absentia*, demandando uma representação simbólica – as imagens no interior de cavernas são um bom exemplo – mesmo se, de sua gramática, tivessem remota noção. Para tanto, era necessário um rudimento de leitura, capaz de



concretizar um mundo do qual as regras estavam sendo ao mesmo tempo “inventadas”, definidas e apresentadas aos homens. (YUNES, 2003, p. 8).

Leitura é estabelecer co-relações, perceber, dar à compreensão e entendimento o que o homem colhe pela observação, dar crédito e lugar para as intuições para começar a pensar. A palavra que se materializa em texto é resultado da leitura.

A leitura auxilia o homem contra a barbárie própria da luta pelo domínio, tanto do corpo como daquilo que pode se tornar corpo; da palavra e do significado. Neste ponto, cada participante do Círculo é leitor e “[...] trata-se de admitir que, para a mais incipiente tentativa de escapar à barbárie, ou seja, às forças aleatórias que submetiam a vida,[...]” (YUNES, 2003, p. 8) a leitura, não podendo carecer do leitor, reacenda “a chama, enquanto brilha frio o cristal lapidado pelas mãos do autor” (YUNES, 2003, p. 9), numa co-relação eu-outro. Assim, conceitualmente, a leitura do mundo antecede a leitura da palavra.

Enfrentar a barbárie contemporânea pode prescindir da leitura? Defendemos que não exatamente pela necessidade que se instala em cada Círculo em desmanchar certa verdade e uma consciência de si que nos enclausura. Trabalhar com leitura é criar espaço para solapar certezas, demonstrar que arrastar-se pela produção de sentido há mais o que encontrar. Ainda não temos esse resultado concretamente nos círculos junto à EJA. É nosso horizonte. Como diz Yunes (2003, p. 10), “a linguagem não se esgota no sentido atribuído historicamente, suspenso sobre seu uso cotidiano... o recurso à alegoria, à parábola, à poesia [foram inventados] para driblar o endurecimento dos discursos.”

Definir leitura desse modo é reafirmá-la como formação, ligada ao desejo e a quem somos, de que lugar cultural enunciamos, como desejamos reconstruir, pela tomada de consciência da linguagem e de nossa história, os traços constitutivos de nós mesmos, impetrados pelas memórias particulares, coletivas e institucionais.

Leitura está ligada à constituição dos traços que fazem sermos aquilo que somos, desde a relação entre o texto (o escrito, o imagético, o sonoro, o plástico, o corpóreo) e a subjetividade. Segundo Larrosa, está aliada à formação, é produção do sentido, “como algo a que devemos atribuir um sentido em relação a nós mesmos”



(LARROSA, 2002, p. 136). Leitura pode provocar um deslocamento para o plano estético.

A leitura literária, nessa linha, enuncia-se. Ela sempre esteve ali.

A noção de leitura como experiência é favorecida enormemente pela opção de tratar com a literatura, com a ficção. Nelas o sujeito se experimenta e se transforma enquanto transforma o mundo [...] a literatura, porta mágica para tornar-se leitor, não reclama compreensão de texto, interpretação da obra ou explicações – tudo isso é corolário da experiência da leitura. Quando o leitor se deixa tocar e realiza de maneira, primeiro, desconstrutora, depois constitutiva, seu enlace com a linguagem, com o que está antes e depois dela como expressão e forma – sensações e percepções inominadas –, a leitura torna-se experiência de gratuidade do verbo e opera de modo contínuo e não-consciente no fortalecimento da subjetividade e da ação crítica.(YUNES, 2003, p. 14-15).

O Círculo de Leitura com EJA conseguiu indícios da leitura na escola como a possibilidade do caleidoscópio criar cenas, compor peças. Desse espaço entre os Círculos de Leitura e as discussões do grupo, o conceito de leitura está sendo enunciado. Encerramos com Larrosa (2004a) uma das precauções a serem tomadas: pensar a experiência desde como acontece, do logos do acontecimento e “fazer soar experiência com a palavra vida ou mais precisamente, existência.”

REFERÊNCIAS

LARROSA, J. Literatura, Experiência e Formação. In: COSTA, M.V. (org). **Caminhos Investigativos; novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DPA, 2002. p. 133 – 160

_____(b). Algunas notas sobre la experiencia y sus lenguajes. In: Barbosa, L.L. (org) **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: 2004.



Anais do 3º SILIC – Simpósio de Literatura Brasileira contemporânea
O regional como questão na contemporaneidade: olhares transversais

_____ (c). Experiência e paixão. In: _____. **Linguagem e Educação Depois de Babel**. Trad Cyntia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 151-165.

YUNES, E. **A Experiência da Leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.